

GARIMPANDO OBJETOS ESCOLARES

Fátima Bitencourt David*



CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre a cultura escolar (1928-1958)*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, 239p.

Como se constituem as práticas escolares num determinado espaço/tempo? Como se configura a cultura no espaço escolar? Que dispositivos são utilizados no controle e na produção da cultura escolar? São questões que Camargo investiga de forma rigorosa, minuciosa e criativa na tese de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A autora lança mão de inúmeras fontes: registros pessoais e institucionais que servem de subsídios para a análise das práticas escolares consolidadas no cotidiano.

Essas “coisas velhas” que ficam guardadas em armários, estantes, gavetas, são recuperadas e aceitas como baús de memória. Abertos, desembulhados, observados, detalhadamente, de maneira extremamente afetiva, quase sagrada, tornam-se obje-

tos de investigação das práticas constituídas pelos sujeitos envolvidos, seus modos de ser e de pensar, como pessoas e profissionais.

Camargo, aluna do Instituto de Educação Joaquim Ribeiro, Rio Claro, São Paulo, entre os anos de 1955 a 1957, aceita o desafio de (re)viver, por intermédio desses fragmentos e dessas histórias, a sua própria história de vida. Ao mesmo tempo, como pesquisadora, se impõe a responsabilidade de tratar essas fontes com o rigor científico. Entrecruzando uma história local à História da Educação Brasileira, oportuniza uma pesquisa histórica da cultura escolar e sua vinculação com um projeto de sociedade.

As questões abordadas e o caminho metodológico percorrido pela autora são importantes para as(os) pesquisadoras(es), professoras(es) e estudiosas(os), que se debruçam sobre as possibilidades de entrelaçar o singular com o plural, o particular com o social, o individual com o coletivo. Sendo assim, a autora traz ao debate a reflexão necessária de se considerar as práticas sociais e os saberes e fazeres das(os) professoras(es), tecidos em suas vivências como sujeitos imersos na história.

O livro *Coisas velhas*, é organizado pela autora em três partes e está distribuído em dezoito subtítulos. O texto percorre através dessas “coisas velhas”, das entrevistas, da consulta ao *Jornal de Rio Claro* e da legislação escolar, os fios tecidos pelos sujeitos históricos na consolidação das práticas escolares.

Assim, a primeira parte do livro, *Suave tempo passado*, foi reservada para retratar a institucionalização do “Ribeiro”. No levantamento dos dados e da análise das práticas escolares, recorreu a documentos oficiais: processos, ofícios, atos e decretos, como também aos álbuns de recordação.

*Mestranda em Educação na Uerj. Professora da Rede Pública Estadual e da Rede Municipal de Duque de Caxias. Diretora do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação, Núcleo de Duque de Caxias.

Na narrativa minuciosa dessa história institucional, traz outras tantas histórias, favorecendo o entendimento da rede trançada na constituição das práticas administrativas e pedagógicas, da lógica estabelecida nas relações interpessoais, nas relações de poder e na organização curricular.

No âmbito dessa discussão, os álbuns de memória, classificados em: álbuns de intimidade e de recordação, conferem uma importante fonte no entendimento do universo feminino, como também, na análise realizada pelas alunas do espaço escolar. A autora encontra, por meio de entrevistas, outro tipo de álbum chamado de Inquérito que tinha como objetivo “conhecer intensamente a (o) colega” (p. 90). A partir dessas fontes, a autora examina no fim da década de 1950, a chegada de uma nova sociabilidade feminina, marcada por novos valores, que caracterizam “novas aspirações de luta da mulher na sociedade” (p. 91).

Na segunda parte do livro, *Fragments Históricos*, a autora se debruça sobre os cadernos escolares, encontrados nas residências de professoras(es) e das(os) alunas(os), pois, “como suportes de múltiplos discursos, se configuram como dispositivos de constituição das práticas escolares” (p. 21). Camargo afirma que “neles também se articulam dispositivos de controle e produção da cultura escolar” (p. 21). Os cadernos desempenham a função de modelar a apropriação e o caminho metodológico, na transmissão de um determinado conhecimento. A análise de duzentos e sessenta e dois cadernos de alunas (os), permitiu classificá-los em três tipos: cadernos de sala de aula, de lição de casa, e os de uma outra configuração – os de Música, de Desenho, de Cartografia e de Economia Doméstica.

Ao analisar as práticas escolares, a partir do uso dos cadernos, Camargo retrata um período da História da Educação Brasileira, ao mesmo tempo que investiga o movimento de aproximação/afastamento, aceitação/rejeição das(os) professoras(es) frente às inovações educativas.

A terceira e última parte do livro, *O equilíbrio e o desequilíbrio das palavras*, é particularmente importante, na medida em que nela a autora (re)desenha um período significativo da sociedade brasileira, com o objetivo de perceber que apropriações do projeto de escola são feitas pelos alunos nos quatro jornais – *O ribeirense*, *A tesoura*, *A mocidade* e *O normalista*. Talvez seja o capítulo mais relevante, porque tenta projetar por meio da análise exaustiva das publicações estudantis os traços ideológicos da política educacional diante do projeto de sociedade.

É uma obra de fôlego e densa. A autora garimpa cuidadosamente os objetos encontrados e os depoimentos pessoais, lembrando com sensibilidade a “memória escolar que é de todas/os nós”, conforme observou Vidal (na orelha do livro). Muito rico pelos caminhos trilhados, esta obra oportuniza algumas pistas para o estudo da cultura escolar no Brasil.

Numa sociedade do descartável, da obsolência planejada, da banalização da própria vida humana, numa fase de muitas dificuldades nas relações sociais, mas também de possibilidades emancipatórias, Camargo se detém nas pequeninas coisas, nos provocando a levar em conta essas “coisas velhas” em nossas próprias vidas.